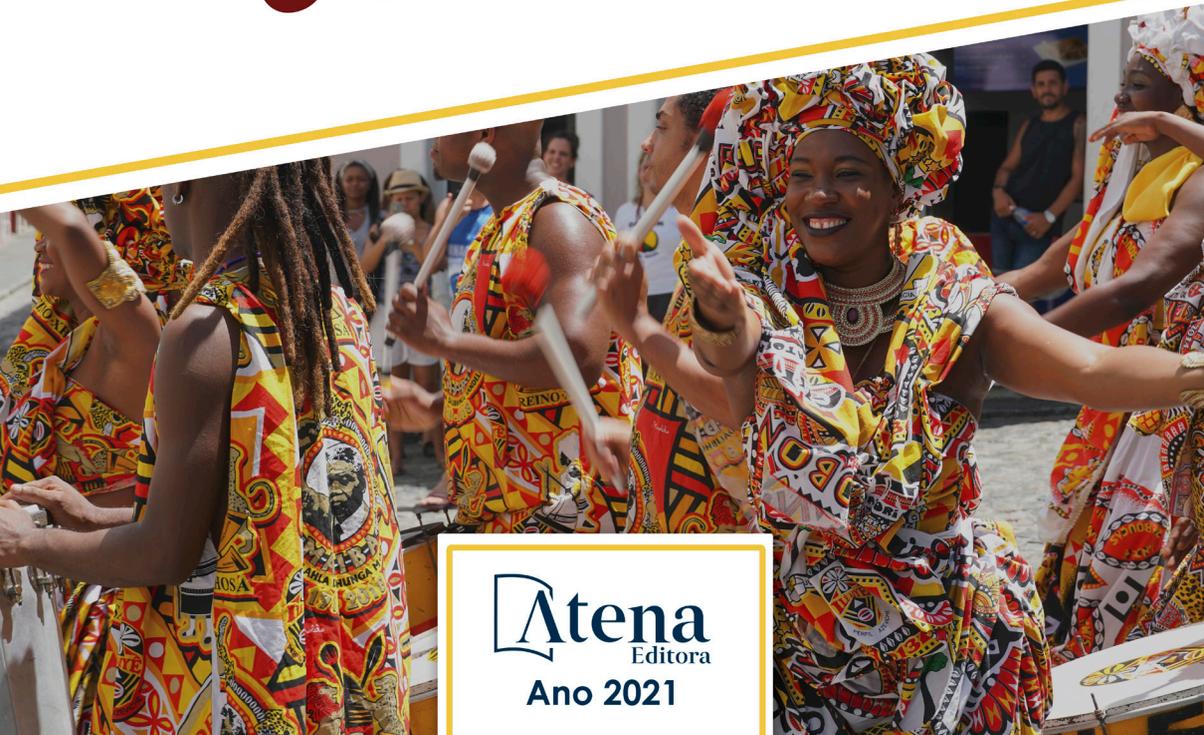




Joaquim dos Santos  
José Italo Bezerra Viana  
(Organizadores)

# Memória, cultura e sociedade

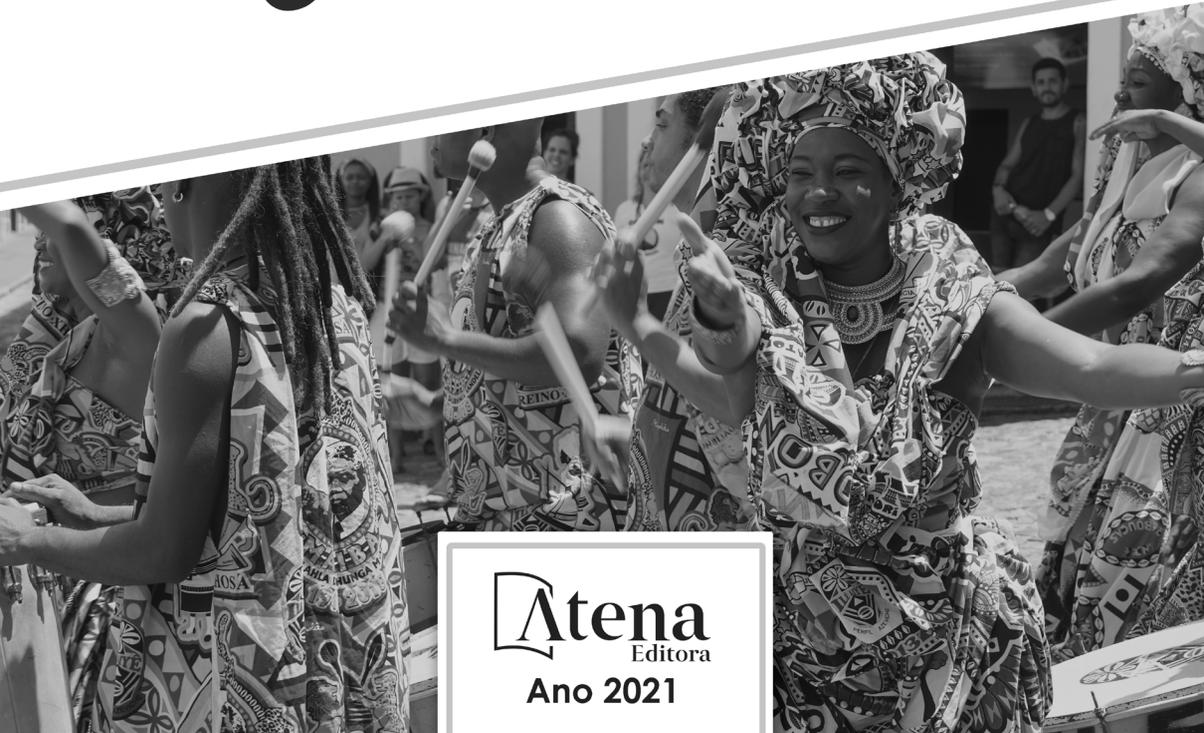


**Atena**  
Editora  
Ano 2021



Joaquim dos Santos  
José Italo Bezerra Viana  
(Organizadores)

# Memória, cultura e sociedade



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Joaquim dos Santos  
José Italo Bezerra Viana

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

M533 Memória, cultura e sociedade / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-134-0

DOI 10.22533/at.ed.340213105

1. Sociedade. 2. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306

**Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Este livro é uma demonstração da fecunda e complexa experiência humana em diferentes tempos e espaços, vista aqui pelo prisma do tripé *Memória, Cultura e Sociedade*, novelo que dá título à obra. Numa perspectiva interdisciplinar, as atitudes narrativas constitutivas do seu corpo discursivo elucidam a cultura numa abordagem ampla, como um conjunto de relações humanas, em suas formas materiais e imateriais, o que desnuda a diversidade cultural presente nos temas dissertados.

Seguindo esse horizonte, são abordadas as relações entre indivíduo e sociedade, bem como entre mudanças e continuidades postas na paisagem social, cultural e histórica. A sociedade é apresentada como uma construção histórica numa simbiose de um todo conectado, no qual as pessoas vivem. Assim, modos e construção de relações, combinação de instituições, normas e formas de organização social integram esse novelo. Nesse direcionamento, a memória é apresentada como uma construção humana, individual e social, portanto, também histórica.

Ao longo dos vinte e seis capítulos que integram o livro, uma diversidade de temas e recortes são elencados, abordando as relações entre memória e identidade e colocando em cena seus processos de construção, afirmação e resistências. Nestes termos, a dimensão histórica da memória é apresentada e refletida nas cidades e em suas paisagens, bem como nas reflexões sobre espaços, natureza, trabalho, instituições, territorialização e culturas.

As linguagens a partir das quais as memórias, as culturas e sociedades são postas e problematizadas também ganham corpo, materialidade e densidade discursiva. Nesse sentido, as importantes reflexões a respeito de imagens, teatros, músicas, literatura e objetos são postas em relevo. Outrossim, ganha destaque o debate sobre cultura material mediante as historicidades e danações dos museus e de seus visitantes, revelando ainda as mediações entre a cultura material e os processos histórico-sociais.

O cenário político presente nas disputas por memórias, culturas, identidades e sociedades também não fica de fora. Desse modo, a perspectiva decolonial situa uma postura ética e política de enfrentamento das “colonizações” sobre corpos e ideias, demonstrando que é necessário descolonizar o pensamento e a vida social. Além de tudo isso, o ponto de intersecção entre ensino, pesquisa e extensão universitárias lança luz para processos formativos diversos e plurais nas quais as diversidades ganham materialidade e ressonâncias.

As histórias que este livro conta incluem a diversidade como marca essencial para que possamos nos (re)produzir como cultura humana. Simboliza as circunstâncias de constituição da sociedade através da preservação e transmissão da memória, dando sentido a formas distintas de saber, de aprender e de ensinar a respeito dos ritmos que produzem a cadência do baile da vida.

Joaquim dos Santos  
José Italo Bezerra Viana

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Rosali Henriques

**DOI 10.22533/at.ed.3402131051**

### **CAPÍTULO 2..... 12**

ICONOLOGIA DE SÃO BENEDITO E O ATRIBUTO DA ABÓBORA: EDUCAÇÃO, ARTE E SINCRETISMO NA REGIÃO AURÍFERA DE MINAS GERAIS NO SÉCULO XVIII

Luiz Fernando Conde Sangenis

Ketley Flor Soares Bially

**DOI 10.22533/at.ed.3402131052**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

VERTICALIZAÇÃO À FRANCESA NO RIO DE JANEIRO: O CASO DO EDIFÍCIO TAMANDARÉ

Denise Vianna Nunes

Lívia Paiva Colonese

**DOI 10.22533/at.ed.3402131053**

### **CAPÍTULO 4..... 38**

JARDIM CEARÁ: O PADRE MIGUEL COELHO DE SÁ BARRETO E A FESTA SOCIORRELIGIOSA DA VIRADA DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

Maria Jorge dos Santos Leite

Manoel Joaquim Leite Neto

**DOI 10.22533/at.ed.3402131054**

### **CAPÍTULO 5..... 50**

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIAIS DO ÁLBUM ILLUSTRADO DE GOYANNA: 1921-2021

Angela Ninfa Mendes de Andrade Cabral

José Bartolomeu dos Santos Júnior

Eliton Leandro de Oliveira Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.3402131055**

### **CAPÍTULO 6..... 63**

O PASSADO DA IMPRENSA BRASILEIRA: O RESGATE DA MEMÓRIA DA REVISTA “INTERVALO” ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL

Talita Souza Magnolo

**DOI 10.22533/at.ed.3402131056**

### **CAPÍTULO 7..... 79**

A MEMÓRIA DA CENA TEATRAL CARIOCA NA DÉCADA DE 1970

Ana Paula Dessupoio Chaves

Talita Souza Magnolo

**DOI 10.22533/at.ed.3402131057**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>92</b>
ESTÉTICA E METALINGUAGEM EM PASÁRGADA Vitor Hugo da Silva DOI 10.22533/at.ed.3402131058	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>103</b>
DO “STATUS” AO STRESS: UMA ANÁLISE DO CONTO DE LÍLIA MOMPLÉ Maria Aparecida Nascimento de Almeida DOI 10.22533/at.ed.3402131059	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>117</b>
O CONSUMO DE <b>REGGAETON</b> ANTES E DEPOIS DE <b>DESPACITO</b> PELOS BRASILEIROS Danilo Espindola Catalano DOI 10.22533/at.ed.34021310510	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>129</b>
ENTRE A CASA E A RUA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O ÓCIO EM TEMPOS DE COVID-19 Rosana Eduardo da Silva Leal DOI 10.22533/at.ed.34021310511	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>142</b>
CALDAS NOVAS-GO: TRADIÇÃO E IDENTIDADE NA TRANSIÇÃO DO USO DAS ÁGUAS TERMAIS PARA CURA E SUA APROPRIAÇÃO PELOS EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS PARA O LAZER E ENTRETENIMENTO Sheila Cristina Endres Palmerston Hamilton Afonso de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.34021310512	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>155</b>
A DEMOCRATIZAÇÃO DO MUSEU PARA O VISITANTE Ana Fabiola Correia da Costa DOI 10.22533/at.ed.34021310513	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>168</b>
COLEÇÃO E MUSEALIDADE: O MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS EM FOCO José Paulo Siefert Brahm Márcia Della Flora Cortes Diego Lemos Ribeiro Juliane Conceição Primon Serres João Fernando Igansi Nunes DOI 10.22533/at.ed.34021310514	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>182</b>
CRECHES COMUNITÁRIAS DE UBERLÂNDIA: UMA MARCA DA MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE DO SÉCULO XX Vinicius Silva DOI 10.22533/at.ed.34021310515	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>191</b>
MOVIMENTO DECOLONIAL, FORMAÇÃO DOCENTE E HUMANIDADES: TESSITURAS POSSÍVEIS	
Katia Gonçalves Castor	
Jalber Boa Camilo	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
Juliana Nunes Novaes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310516</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>206</b>
RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA NO BAIRRO CAMPINHO EM BACURI-MA: TRAÇANDO UMA HISTÓRIOGRAFIA	
Verônica Maria de Moraes Alexandre Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310517</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>216</b>
O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO LOCAL DE REFUGIADOS POR MEIO DA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTADO DE PERNAMBUCO	
Álvaro Luiz da Silva Santos	
Thalita Franciely de Melo Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310518</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>235</b>
PAISAGEM CULTURAL E TERRITORIALIZAÇÃO DO CORPO: O CASO DA VILA CASONI, LONDRINA (PR)	
Caroline Santos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310519</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>242</b>
POPULAÇÃO IDOSA E INDÍGENA NO PROCESSO MODERNO: TRADIÇÃO E ADAPTAÇÃO	
Aline Rocha Amaral	
Raine Clavisso Pereira	
Fábio Rodrigues da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310520</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>250</b>
ENTRE O RIO E A MATA: O ESPAÇO TERRITORIAL COMO REFERENTE IDENTITÁRIO E CULTURAL EM UM POVOADO DA AMAZÔNIA TOCANTINA SÍMBOLO DE PODER FEMININO	
Mix de Leão Moia	
Francisco Wagner Urbano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310521</b>	

<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>258</b>
FORMAÇÃO DOCENTE E SEXUALIDADE: AÇÃO EXTENSIONISTA NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA SABERES INDISPENSÁVEIS PARA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E CONTINUADA	
Gislene Lisboa de Oliveira	
Valéria Soares de Lima	
Lilian Cristina dos Santos	
Gabriel Soares Sena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310522</b>	
<b>CAPÍTULO 23.....</b>	<b>272</b>
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA COM A POESIA	
Gustavo Avelino da Silva	
Ana Cristina Fernandes Pereira Wolff	
Carina Gomes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310523</b>	
<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>281</b>
A AMEAÇA DO ANIMALESKO ANTE A HUMANIDADE: UMA LEITURA DE CEM ANOS DE SOLIDÃO SOB A LUZ DA FILOSOFIA DE ADORNO E HORKHEIMER	
Lorena Gonçalves Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310524</b>	
<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>286</b>
NUTRIARTES: UM PROJETO DE EXTENSÃO	
Ana Luiza Araujo Rocha	
Luis Gustavo Alves Monteiro	
Nathália Nascimento Fernandes Franco	
Mellissa Yumi Ferreira Kawamoto	
Pedro Eduardo Ochoa Michelin	
Juliana Pulsena Cunha	
Glaucia Carielo Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310525</b>	
<b>CAPÍTULO 26.....</b>	<b>292</b>
OFICINA DE BERIMBAU: CULTURA E AFRICANIDADES	
Jackson dos Reis Novais	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34021310526</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>296</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>297</b>

## MOVIMENTO DECOLONIAL, FORMAÇÃO DOCENTE E HUMANIDADES: TESSITURAS POSSÍVEIS

*Data de aceite: 21/05/2021*

*Data da submissão: 04/03/2021*

### **Katia Gonçalves Castor**

Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes  
Vitória – Espírito Santo  
<http://lattes.cnpq.br/4525902332048373>

### **Jalber Boa Camilo**

Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes  
Vitória – Espírito Santo  
<http://lattes.cnpq.br/0422043461167439>

### **Marcela Fraga Gonçalves Campos**

Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes  
Vitória – Espírito Santo  
<http://lattes.cnpq.br/9743746011110857>

### **Juliana Nunes Novaes**

Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes  
Vitória – Espírito Santo  
<http://lattes.cnpq.br/7941483933281888>

e formação de professores, na tentativa de trilhar possíveis caminhos para o processo de decolonização do pensamento e das ações, a partir de um movimento insurgente contra esse imperativo controle exercido pela colonialidade em nossas vidas.

**PALAVRAS - CHAVE:** Formação docente; Movimento decolonial; Ensino de humanidades.

### **DECOLONIAL MOVEMENT, TEACHER EDUCATION AND HUMANITIES: POSSIBLE TESSITURES**

**ABSTRACT:** This article addresses three domains of interest to education: teacher training, the decolonial movement and the teaching of the humanities and their possible fabrications, and aims to problematize the existence of coloniality that presents itself at different levels and dimensions: the social, the cultural, the environmental and the political - and which crosses the field of education in general and teacher training in specific. Thus, we conducted a dialogue with several authors with the intention of exploring other non-dominant rationalities for the teaching of humanities and teacher training, in an attempt to trace possible paths for the process of decolonization of thought and actions, from an insurgent movement against this imperative control exercised by coloniality in our lives.

**KEYWORDS:** Teacher training; Decolonial movement; Humanities Teaching.

**RESUMO:** Este artigo aborda três domínios que interessam à educação: a formação docente, o movimento decolonial e o ensino de humanidades e suas possíveis tessituras, e tem o objetivo de problematizar a existência da colonialidade que se nos apresenta em diferentes níveis e dimensões: o social, o cultural, o ambiental e o político – e que atravessa o campo da educação em geral e a formação docente em específico. Assim, realizamos um diálogo com vários autores na intenção de explorar outras racionalidades não dominantes para o ensino de humanidades

## 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo pretende refletir a partir de três domínios que interessam à educação: a formação docente, o movimento decolonial e o ensino de humanidades e suas possíveis tessituras. A defesa do possível entrelaçamento sugere que o movimento decolonial, por compreender que o mundo-sistema<sup>1</sup> entrou em colapso, marcado pela permanência da colonialidade nos diferentes níveis e dimensões do social, do cultural, do ambiental e do político, necessariamente atravessa o campo da educação em geral e a formação docente em específico.

A primeira chave de interpretação que esta conexão sugere nos permite identificar, investigar e problematizar a racionalidade herdada da sociedade moderna tanto a partir da dimensão da formação docente, quanto do movimento decolonial, e assim explorar outras racionalidades não dominantes para o ensino de humanidades<sup>2</sup>.

O trabalho se estrutura em três partes: a primeira apresenta o movimento decolonial, seus principais teóricos e conceitos e a concepção da pedagogia decolonial a partir de Paulo Freire e Orlando Fals Borda, o segundo capítulo apresenta a perspectiva de formação docente inspirada em Edgar Morin e Boaventura de Souza Santos e o último a contribuição do movimento decolonial para o ensino de humanidades.

## 2 | O GIRO DECOLONIAL: AS POSSIBILIDADES DE FISSURA

Ao pensar na palavra giro, a primeira ideia que nos vem à cabeça é a ação de mover-se, presumindo, portanto, não estar parado ou fixo em determinado tempo ou espaço. É exatamente esse o convite que lhe fazemos caro leitor, o de colocar-se em movimento de pensar outras lógicas possíveis de se viver, isto é, criação de outros modos de vida. Será isso possível?

Para realizarmos este percurso, partiremos da perspectiva do movimento decolonial, apresentando os principais teóricos e conceitos, para posteriormente colocarmo-nos em giro, buscando as possibilidades de estabelecer fissuras e pensar o modelo de vida que vivemos atualmente. Contribuíram com este diálogo os pensamentos dos educadores populares Paulo Freire (1921-1997) e Orlando Fals Borda (1925-2008), pois suas vastas obras inspiraram a pedagogia decolonial.

O movimento decolonial se consolida no final dos anos 1990, com o objetivo de pensar e produzir conhecimento sob uma nova perspectiva, rompendo com a visão eurocêntrica que predomina na América Latina há cerca de 500 anos. Dentre os principais intelectuais podemos citar Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Walter Dignolo, Immanuel Wallerstein, Santiago Castro-Gomez, Nelson Maldonado-Torres, Edgardo Lander, Arturo Escobar,

1 Conceito da teoria elaborado por Immanuel Wallerstein.

2 O ensino em humanidades neste contexto refere-se ao Programa de Mestrado Profissional de Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Vitória. Nele ofertamos a disciplina Tópicos Especiais em Ensino de Humanidades II – Fundamentos do Movimento Decolonial na América Latina, em 2018/2, o que motivou esta escrita.

Catherine Walsh e Boaventura de Sousa Santos. Portanto, o movimento decolonial trata-se de um movimento de resistência, com clara definição epistemológica, teórica e política, que de acordo com Ballestrin (2013) problematiza a exploração que se configura na América Latina, nos níveis da vida pessoal e coletiva, a partir do conceito de colonialidade em seus três aspectos – poder, saber e ser.

Assim, a discussão travada pelo movimento decolonial tem como base a colonialidade do poder e os problemas e questões por ela gerados. O conceito de colonialidade<sup>3</sup>, criado por Anibal Quijano, consiste em elemento originado com a estruturação da América Latina, sendo constitutivo e específico do poder capitalista e se estrutura a partir da ideia de raça, imposta pelos colonizadores aos colonizados, visando estabelecer diferenças com base em suposto fundamento biológico, subjugando-os à situação de inferioridade, disseminada como relação natural.

Além da ideia de raça, enquanto instrumento de classificação social da população, inferiorizando e dominando os colonizados, a colonialidade está pautada na articulação entre controle e exploração do trabalho, de recursos e de produtos e sua relação com o capital e o mercado mundial (QUIJANO, 2005). Já Mignolo (2005) descreve a colonialidade como aspecto constitutivo do mundo moderno, e este toma a colonialidade enquanto exercício de poder.

A colonialidade tem seu conceito ampliado à medida que entrelaça outros âmbitos para além do poder, o que Ballestrin (2013) indica ser sua necessidade de imperativo controle sobre a economia, a autoridade, a natureza e os recursos naturais, gênero e sexualidade, subjetividade e conhecimento.

Deste modo, o movimento decolonial ao identificar, investigar e problematizar as questões relacionadas à colonialidade do poder percebe a necessidade de ir além do aspecto econômico, e, traz à tona outro aspecto da colonialidade – a dimensão do saber - que se trata do viés epistêmico e epistemológico ligado ao processo de construção de conhecimento não só na América latina, mas em todo mundo moderno, que prioriza o saber eurocêntrico, isto é, o saber originado e disseminado pela Europa ocidental, como verdade incontestável.

Logo, a colonialidade do saber, alinhada ao padrão capitalista, se organiza em torno da negação dos conhecimentos, história e cultura originados na América Latina, numa ação efetiva para o silenciamento das vozes dos colonizados, com vistas a moldar a forma de ser/sentir destes, evidenciando, assim, o terceiro aspecto da colonialidade – a dimensão do ser (QUIJANO, 2009). Desse modo propaga-se o ideário da Europa como o berço e modelo da civilização a ser seguido, estabelecendo o status de criadora e detentora de todo conhecimento racional e, principalmente, científico.

---

3 Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado ao colonialismo.[...] O colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoura que o colonialismo. Mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjectividade do mundo tão enraizado e prolongado. (QUIJANO, 2019, p.73)

Mediante o contexto apresentado, voltamos à proposta inicial de pensarmos outras lógicas possíveis de se viver, isto é, de pensarmos a criação de outros modos de vida, escapando do que está posto. Então, propomos nos colocar em “giro decolonial”, isto é, “em movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade” (BALLESTRIN, 2013, p. 105), visando romper com mais esse elemento constituído e constituinte da modernidade/colonialidade, enfrentando o racismo, o machismo, as desigualdades, e outras formas de opressão que nos cerceiam, e, desse modo, nos aproximaremos dos conceitos e da concepção da pedagogia decolonial.

### 3 | A PEDAGOGIA DECOLONIAL: CONCEPÇÕES E APOSTAS

A pedagogia decolonial, é a pedagogia inserida no contexto de lutas decoloniais que visa à formação humana que se contraponha às opressões impostas pela modernidade/colonialidade (MOTA NETO, 2017), para impulsionar um modo de pensar diferente, se constituindo não só um movimento de resistência, mas

[...] no sólo de defensa y reacción, sino también y de manera más importante, de ofensiva, insurgencia y (re) existencia circunscripta en/por una construcción continua, creación y mantenimiento de una forma “otra”, un “modo otro”, de estar en y con el mundo. Cuando digo “modo otro”, me refiero a maneras distintas de ser, pensar, conocer, sentir, percibir, hacer y vivir en relación que desafían la hegemonía y universalidad del capitalismo, la modernidad eurocéntrica y la lógica civilizatoria occidental, incluyendo su antropocentrismo y cimientos binarios. [...] el “modo otro” es aquello que existe en las fronteras, bordes, fisuras y grietas del orden moderno/colonial, es aquello que continúa siendo (re)modelado, (re) constituido y (re)moldeado tanto en contra como a pesar de la colonialidad (WALSH, 2014, p. 20).<sup>4</sup>

A concepção de pedagogia decolonial, de acordo com Walsh (2014), se aproxima da proposta de Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, originada nos anos de 1960. Nesse mesmo sentido, Mota Neto (2017) aponta que os conceitos, concepções e propostas metodológicas da educação popular também se articulam à pedagogia decolonial.

Assim, a partir do diálogo entre essas duas concepções pedagógicas, buscaremos elementos fundamentais que articulam a relação entre o pedagógico e o decolonial, tomando como referência as contribuições de Paulo Freire e Orlando Fals Borda, dois intelectuais de extrema importância, não só para a educação latino-americana, mas para a educação mundial.

Uma questão crucial para esses dois intelectuais é o educador enquanto sujeito que

---

4 [...] não apenas defesa e reação, mas também e mais importante, ofensiva, insurgência e (re)existência circunscrita em / por uma construção contínua, criação e manutenção de uma “outra” forma, um “outro modo”, de estar no mundo e com ele. Quando eu digo “outro modo”, quero dizer maneiras diferente de ser, pensar, conhecer, sentir, perceber, fazer e viver em um relacionamento que desafia a hegemonia e universalidade do capitalismo, modernidade Eurocêntrica e a lógica civilizacional ocidental, incluindo seu antropocentrismo e fundações binários. [...] o “outro modo” é o que existe nas fronteiras, nas bordas, fissuras e rachaduras da ordem moderna/colonial, aquilo que continua sendo (re)modelado, (re)constituída e (re)moldada tanto contra quanto apesar da colonialidade.

deve assumir seu compromisso de educar de maneira dialógica, democrática e crítica, por meio de estratégias teóricas e práticas que permitam aos oprimidos tomarem consciência das opressões às quais são submetidos e dessa forma lutarem pela transformação da realidade.

Nesse sentido, o educador deve se desvencilhar da postura arrogante de detentor de saberes que fortalecem a educação bancária, e com humildade e amorosidade (FREIRE, 2016) assumir um papel de engajamento político, até mesmo subversivo segundo propõe Fals Borda (2008) e progressista segundo Freire (2016), transgredindo os modos de dominação e opressão visando à transformação da sociedade junto aos educandos das camadas populares.

Contudo, é necessário atentar-se para o fato de que o educador não pode atuar de forma isolada, mas envolver os educandos e contemplar seus contextos de vida para que o processo de ensino-aprendizagem seja significativo. Nesse contexto, Mota Neto (2017) traz a concepção de *hipótese de contexto* defendida por Fals Borda que significa considerar os contextos geográficos, culturais e históricos como fundamento essencial na construção de uma ciência latino-americana. Já Freire (1996), através do questionamento acerca da educação como mera transmissão de conhecimento, aponta que o processo de ensino-aprendizagem deve transpor a invasão cultural (FREIRE, 1985) a qual as camadas populares foram e são submetidas.

Assim, os dois autores nos apresentam alternativas para valorização dos saberes populares: o *diálogo de saberes* (FALS BORDA, 2010) e a *síntese cultural* (FREIRE, 2016), além de evidenciarem a importância da pesquisa<sup>5</sup> para a efetivação do protagonismo das camadas populares no processo educativo, que se daria por meio do dialogismo e do processo de conscientização dos oprimidos. Mas como esse protagonismo pode ser exercido pelos oprimidos? Os dois autores buscam na resistência e continuidade das memórias coletivas, que preservam e fazem perdurar os conhecimentos populares, a possibilidade de construção da ciência popular, como aquela que parte da visão e saberes dos oprimidos e se contrapõe às “verdades” e conhecimentos científicos totalizantes oriundos do eurocentrismo. Ambos acreditam e defendem a produção de saberes sob a perspectiva não só do povo latino-americano, mas dos povos do Sul, isto é, o ato de sulear como indica Freire (2014) no sentido da busca pela autonomia na construção de conhecimento por esses povos.

Outro aspecto importante sobre o processo de elaboração das ideias, teorias e práticas de ambos intelectuais é o fato de que apostam em outras epistemologias, e se colocam abertos a dialogar com diversas correntes filosóficas como o marxismo, a teologia da libertação, a pós-modernidade de oposição e o multiculturalismo, além dessas, Fals Borda também se apropria da teoria pós-colonial e os estudos culturais.

---

<sup>5</sup> Segundo Mota Neto (2017), a pesquisa para Fals Borda configura-se como investigação-ação participativa e para Freire configura-se pesquisa do universo temático.

Esse múltiplo caminho epistemológico não significa “[...] o abandono dos marcos de referência anteriores, mas uma atualização e ampliação do seu discurso teórico” (MOTA NETO, 2017, p. 12), mas reflete a intencionalidade de superar as dicotomias instauradas pela modernidade/colonialidade, tendo em vista que os autores engajados em movimentos de luta decolonial, almejam a estruturação de sociedade mais justa e igualitária, livre de opressões, racismos, machismos e tantos outros preconceitos existentes. No entanto, de acordo com Mota Neto (2017) os autores afirmam que a construção dessa nova sociedade deve ser forjada no cotidiano da e pelas classes populares, por meio dos valores ancestrais latino-americanos.

A partir dessas relevantes contribuições trazidas por Paulo Freire e Orlando Fals Borda é que podemos promover o nosso giro decolonial na educação, visando o fortalecimento de uma pedagogia decolonial, num movimento por outros modos de educação que nos impulsionam a pensar outros modos de vida. Portanto, estejamos atentos ao valioso e relevante papel do educador nesse processo de resistência aos modos de ser, estar, saber e sentir impostos pela colonialidade/modernidade, papel esse que pode ser potencializando pela formação docente, aspecto que iremos refletir a seguir.

#### **4 | FORMAÇÃO DOCENTE: POR VIAS EPISTEMOLÓGICAS REBELDES**

A formação docente com véis epistêmico rebelde opta pela tendência de uma educação complexa, na perspectiva do filósofo Edgar Morin. Este filósofo nos permite a abertura de vias potentes para percorrer por racionalidades mais inventivas e por narrativas decoloniais, atravessadas dos interesses dos não autorizados historicamente e pelo compromisso ético, estético e político de criar, difundir e problematizar os conhecimentos das pessoas, no caso os professores que fazem da formação espaços e tempos de aprendizagem vividos e sentidos.

A partir desta premissa, a perspectiva da formação complexa que nos interessa busca inspiração no movimento decolonial, portanto, se contrapondo dos interesses do conhecimento positivista, que inviabilizam dimensões não afeitas às suas categorizações, e que, com isso, objetiva o sujeito, destituindo sua humanidade, pois que esta se coloca na perspectiva conservadora, comportamentalista e instrumental.

Como realça Ballestrin (2013), a perspectiva decolonial fornece “[...] novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana, em diálogo com a produção do conhecimento” (BALLESTRIN, 2013, p. 110).

Compreender o ser humano é entendê-lo dentro de sua unidade e de sua diversidade. Para a educação esse é o desafio que se coloca na pauta e no cotidiano das práticas pedagógicas dos professores.

Historicamente tendemos a arranjar sistemas, aninhados dentro de sistemas maiores, num sistema hierárquico, colocando os maiores acima dos menores, à maneira

de uma pirâmide. Na natureza, não há ‘acima’ ou ‘abaixo’, assim como não há hierarquias. Há somente redes conectadas dentro de redes.

Todo sistema se retroalimenta de suas partes singulares. A perspectiva que o movimento decolonial e as rebeldias epistêmicas assumidas nas práticas educativas da escola colocam em discussão como essas práticas podem contribuir para fissurar o conhecimento fragmentado e a hierarquização das disciplinas e de suas áreas, levando aos especialismos estéreis.

Tivemos múltiplas separações do ocidente, caracterizadas pela visão religioso-judaico-cristão: Deus/Humano/Natureza, a qual versa que o homem teria primazia sobre a natureza e que o mundo seria um mecanismo desespirtualizado. Esta ruptura ontológica está evidenciada na separação entre corpo e mente, razão e mundo formulada na obra de Descartes.

A fissura ontológica entre razão e mundo permite a construção de um conhecimento universal des-subjetivado (objetivo) que não está presente em outras culturas. A construção eurocêntrica cria seu ponto de vista a partir de sua experiência, à sua medida. Ou seja, existe um método para eliminar o erro e chegar a uma verdade, existe um caminho para conduzir à certeza, prevalecendo à metáfora da construção do conhecimento. A noção de sujeito racional, que conhece o outro fora dele no caso a natureza. O conhecimento matemático é o modelo exemplar e mais sofisticado, pois, se encontra distanciado do “senso comum” por fim prevalece a eliminação da diversidade qualitativa privilegiando a experiência quantitativa.

Aníbal Quinjano (2009) nos permite inferir que a experiência de trabalho docente suscita o *desencadeamento epistêmico* a partir da desobediência epistêmica. Este desencadeamento somente será possível a partir da experiência docente na prática educativa como lócus de produção de conhecimento com e não para os sujeitos e na caça às possibilidades de entrever como e onde acontecem as rebeldias epistêmicas.

## 5 | UM POSSÍVEL FIO A PERCORRER

Para romper com uma lógica colonizadora, instrumental e fragmentada herdada da racionalidade iluminista é imperioso problematizar as promessas modernas do progresso a qualquer preço, para a valorização do pensamento que supera os limites da ciência moderna que compartimentou os saberes, e então ampliar o diálogo com outras racionalidades em um mergulho na fenomenologia a partir da abordagem complexa do conhecimento.

A formação docente é uma experiência de encontros com uma multiplicidade de saberes, mas igualmente de discursos que primeiro nos separou da natureza. Frutificou daí uma racionalidade cognitiva instrumental que nos impediu de enxergar as múltiplas vozes das múltiplas culturas, ou de outras lógicas não visibilizadas, por exemplo, onde o movimento decolonial, criou fissuras nos fundamentos dos conceitos ocidentais.

Portanto, a aposta é promover espaços-tempos formativos que busquem irromper com a colonialidade e seu padrão articulado de poder e representações binárias e hierárquicas de construção de sentido. Como afirma Quijano (2009), a colonialidade opera em cada dimensão da sociedade, através e pelas dimensões materiais e subjetivas do cotidiano e em grande escala global.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos do padrão mundial do poder capitalista. Mignolo (2017) defende que “a modernidade é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o lado mais escuro, a colonialidade” (MIGNOLO, 2017, p. 1).

## 6 I POR OUTRAS NARRATIVAS PARA A FORMAÇÃO DECOLONIAL

Brandão (2005) dirá que:

[...] a educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender. No ensino formal a educação se sujeita à pedagogia e cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. (BRANDÃO, 2005, p. 26).

A educação perdeu sua dimensão de bem de uso para o de bem de troca, segundo Brandão (2005). Ela vale como bem de mercado, ela é de cunho instrumental, dita pelos gestores e especialista nos seus gabinetes, onde situam *os emissários dos intermediários dos interesses políticos postos sobre a educação* (BRANDÃO, 2015).

Esta educação vale para instrumentalizar e controlar as pessoas, as classes sociais, os infames da história, os desafortunados, pela difusão das ideias e dos interesses de quem controla o seu exercício.

Contudo, se a educação é invenção assim como todo conhecimento humano, ela pode ser reinventada na e para a prática social. Verificamos como os sistemas das verdades instituídas produzem as exclusões e exercem poder através da sobreposição dos discursos dominantes. A questão central que colocamos é qual conhecimento deve ser ensinado? O que queremos ensinar e queremos aprender? Quem decide o que queremos ensinar e o que devemos aprender? As teorias se diferenciam pelas diferentes ênfases que daremos a essas questões.

Segundo as estudiosas da educação Regina Leite Garcia e Nilda Alves são quatro os processos hegemônicos que organizam a escola. A pedagogização do conhecimento, a grupalização, a hierarquização e a centralização. Alguém decide o que entra ou não na escola, e, infelizmente, não é o professor, muitas vezes.

Essas escolhas muitas vezes têm um aspecto moral, as quais mantêm a dinâmica autoritária nas mãos de poucos privilegiados, mas que servem para a manutenção da

sujeição e da ordem social de muitos.

Para além desta hierarquização e seleção, a escola produz a fragmentação dos saberes, retirados dos seus contextos. Esses saberes necessitavam de ser normatizados e sistematizados, o que denominamos de disciplina nos dois sentidos que se complementam, o da parte específica de determinado conhecimento e do controle dos corpos e mentes dos alunos.

Para que toda esta engrenagem funcione será necessário agrupar os indivíduos em tempos e espaços bem determinados, assim garantirá a ordem necessária para a aprendizagem. Contudo, é do centro para a periferia que partirá esta organização e funcionamento, tanto da escola, como na sociedade.

Para uma formação decolonial é preciso recuperar o espaço do saber no próprio cotidiano da escola, que é espaço, não o único, de formação, num claro compromisso com os sujeitos envolvidos neste processo. Não há produção de conhecimento sem sujeitos e prática social. Esta dinâmica se dá nas relações sociais. Diferentes relações sociais produzem diferentes epistemologias.

Santos (2009) dirá que a partir da intervenção da epistemologia dominante assentada numa dupla diferença, a diferença cultural do mundo moderno ocidental e diferença política do colonialismo e do capitalismo se impuseram nas culturas não ocidentais e não cristãs. Essa dupla intervenção suprime todos os conhecimentos e práticas sociais não afeitas a esta epistemologia, o que ele denomina de epistemicídio.

O projeto colonizador, portanto, desperdiça muita experiência social e reduz a diversidade das práticas culturais e políticas do mundo. Contudo, há contradição nesta relação. Pois que as experiências não legitimadas ou invisibilizadas apropriadas por grupos oprimidos resistem através de sua luta. A esta diversidade epistemológica do mundo Santos (2009) chamará de Epistemologias do Sul<sup>6</sup>, enquanto Morin (2005) afirma que “[...] o tesouro da humanidade está na diversidade criadora, mas a fonte da sua criatividade está na sua unidade geradora.” (MORIN, 2005, p. 66).

Morin (2005) complexifica a noção de ser humano, ou seja, “[...] liga e articula o que foi separado, ventilado e compartimentado por e nas disciplinas.” (MORIN, 2005, p. 288). Sugere ainda uma revolução paradigmática “[...] a reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino.” (MORIN, 2002, p. 20).

Para o autor passaria por compreender que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e vice versa, que possamos examinar os fenômenos multidimensionais ao invés de isolá-los, que possamos perceber as múltiplas realidades existentes em qualquer sistema, ou seja, que é necessária a substituição do pensamento disjunto por um pensamento *complexus*, que tece junto.

---

<sup>6</sup> Campos de desafios epistemológicos que buscam reparar os danos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo.

Uma formação com inspiração em Morin (2002) preconiza que esta formação se dará de modo hologramático<sup>7</sup>, ou seja, formamos com e entre a escola, com e entre a sociedade e com e entre os alunos, em espaços formais e não formais, em tempos de crise e bonança.

De modo que a formação se inspire no princípio do circuito retroativo, em processos autorreguladores, que rompe com a ideia de causalidade linear. Ainda a formação se dará de modo recursivo, ou de autoprodução. Somos sujeitos que constitui a sociedade que vivemos e a sociedade que vivemos nos constitui, e conseqüentemente, os “[...] indivíduos humanos produzem a sociedade nas interações e pelas interações, mas a sociedade, à medida que emerge, produz a humanidade desses indivíduos, fornecendo-lhes a linguagem e a cultura.” (MORIN, 2002, p. 95).

A formação é vivida de modo complementar e antagônico, chave da experiência autoecoorganizativa da vida, se regenera, é autônoma e dependente da cultura, ao mesmo tempo. Como na fórmula de Heráclito “viver de morte, morrer de vida”. Esta mesma fórmula que se exclui reciprocamente é indissociável na realidade da formação. Seria o princípio da dialógica, ou ordem/desordem/organização. A dialógica preconiza a inseparabilidade de noções contraditórias dos fenômenos complexos. Viver e aprender faz parte do mesmo processo, pois que conhecimento é vida!

## **7 | GIRO DECOLONIAL E O ENSINO DE HUMANIDADES: SENTIRPENSAR OUTROS TERRITÓRIOS POSSÍVEIS**

Sentipensar com o território permite pensar desde o coração e a mente<sup>8</sup>, neste sentido, retomar o passado como ponto de partida mirando um horizonte, é compreender no campo das relações, entre todos que compartilham um mundo que nos é comum, reabilitar a singularidade e a diferença, em afirmar que o mundo não se reduz à Europa (MBEMBE, 2018).

A fim de romper categorias coloniais, etnocêntricas ainda presentes, a desobediência epistêmica se torna possível, por meio de uma geopolítica e política de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, de sujeitos que foram racializados, que tiveram sua óbvia humanidade negada (MIGNOLO, 2008, p.290). E, no contexto da América Latina, povos em movimento e resistência (LANDER, 2016, p. 245), lutam contra formas de dominação dos territórios, saberes e conhecimentos em suas pluralidades culturais.

Diante disso, o contexto do Movimento Decolonial em suas nuances, possibilita coexistir outras racionalidades não dominantes, potencializando territórios possíveis, tecidos em redes solidárias, que buscam considerar a complexidade das relações do ser enquanto parte da natureza, os afetos e as constituições sociais em suas diferentes formas

7 Inspirado no holograma, em que cada ponto contém a quase totalidade da informação do objeto que ele representa.

8 ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014. 184 p. (Colección Pensamiento vivo).

de estar juntos, num sentido de multiplicidade e parentalidade.

A imanência entre homem e natureza provém de uma relação de parentesco comum em que todos são pessoas [...] Assim como na cosmologia ameríndia, na yorubá também não há transcendência entre cultura e natureza, mas uma imanência ativa que é preservada, dentre várias estratégias, pela preservação de uma cosmologia da multiplicidade e parentalidade: muitos seres diversos que compõem uma grande família (SOUZA, 2020, p. 03).

Outra questão pertinente nos implica a refletir: de que forma o ensino de humanidades, pode contribuir com a ruptura epistemológica da colonialidade, que atravessa o campo da educação e formação docente, por meio de saberes considerados universais e racionalidades dominantes ainda presentes:

Para tal, somos desafiados a realizar uma mudança epistemológica no campo da formação de professores (as) no Brasil, que vá além das velhas dicotomias entre o escolar e o não escolar, o político e o cultural, o instituído e o instituinte, ainda presentes em vários currículos e práticas de formação de professores (GOMES, 2011, p. 57).

No caminhar sobre os diálogos acerca da formação docente, movimento decolonial e o ensino de humanidades, compreendemos que, os elementos originários destes dispositivos de relações de poder, partem de uma ordem vigente, a imposição do imaginário de superioridade europeu na perspectiva do epistemicídio (SANTOS, 2010), de forma hierarquizada, em detrimento de grupos excluídos, silenciados, invisibilizados.

[...] A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. [...] Numa sociedade em que se impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. [...] A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade (SILVA, 2014, p. 83).

E, desta forma, as possibilidades de reflexão acerca de compreender de que forma a colonialidade se torna estrutura fundante das opressões, a fim de categorizar homens e mulheres negros enquanto mercadorias, objetos, moedas desde o primeiro capitalismo (MBEMBE, 2018), um projeto de poder no qual também propôs reduzir a memória, história, diferentes formas de estar juntos dos povos originários, como espécies à margem da história universal, sujeitos de sobrevivências anacrônicas de uma fase distante do até então idealizado e imposto nas colônias (CLASTRES, 2017).

Neste sentido, se torna inerente observar, quais são os desafios dos movimentos sociais nas lutas emancipatórias e pela democracia (GOMES, 2017) e, de que forma estes contextos de lutas, buscam superar estruturas sociais marcadas, por meio de políticas educacionais formas de ressignificar e ampliar horizontes diante da pluralidade das

produções de conhecimento, a fim de romper com a normalização pelo qual o poder se manifesta de forma hegemônica no campo da identidade excluindo a diferença (SILVA, 2014).

No tempo presente, diante dos desafios que perpassam o ensino de humanidades, tais reflexões possibilitam compreender, de que forma o potestado colonial e suas invenções do colonizado (MBEMBE, 2018) mantém uma estrutura social a partir de ordem vigente, marcando corpos, culturas dissidentes e negação das singularidades do outro, formas ainda presentes no pensar hegemônico, eurocêntrico e excludente coexistentes nas ciências humanas, que permeiam produções científicas e, ainda atravessam, a formação de professores.

Neste contexto, se torna necessária uma retomada de consciência e dos territórios em disputa (ARROYO, 2011), no que se refere produções de currículos, práticas educativas fragmentadas, dissociadas de nossa própria existência e relações recíprocas com o mundo.

Ainda permanecem as dificuldades em reconhecer no espaço institucional da educação, regulada pelo mercado e racionalidade científica-instrumental, os diferentes saberes produzidos, os saberes populares, vindos também de grupos sociais não hegemônicos, conhecimentos e saberes que se tornam ausências (GOMES, 2017).

Da mesma forma que é contraditório aceitar que, grupos privilegiados sustentem lógicas incoerentes, desumanas de expropriações dos povos e territórios tradicionais, no campo e na cidade, por meio de discursos do capitalismo dito sustentável, é inaceitável ser conivente com práticas e discursos hegemônicos das produções e saberes no ensino de humanidades. Acerca da questão ideológica, nunca o professor progressista precisou estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade na educação (FREIRE, 1996).

Por qual motivo todos esses mecanismos, para manter relações desiguais de poder, ainda são tão presentes, inclusive, como eixos norteadores nas produções acadêmicas das ciências humanas e no ensino de humanidades? Tão importante quanto compreender as estruturas fundantes das opressões e todas as implicações que estabeleceram relações desiguais de poder, de forma digna e rebelde, precisamos questionar e trazer provocações sobre o que fazer diante da visibilidade de conhecimentos dominantes que se assentam na invisibilidade de formas de conhecimento que não se encaixam em nenhuma destas formas de conhecer (SANTOS, 2010).

Com a sabedoria ancestral do Velho Antônio, uma figura importante do Movimento Zapatista, podemos aprender a não colocar para andar as palavras que não caminham (GENNARI, 2002), assim como a palavra render-se, que não existe em algumas línguas dos povos originários, não podemos também nos render diante da busca de outros mundos possíveis resignificando espaços ainda negados e silenciados de conhecimentos e suas pluralidades, rompendo barreiras que objetivam negar a humanidade de determinados sujeitos em afirmação de outros que se afirmam enquanto universais (SANTOS, 2010), por

meio de práticas e discursos de violações de direitos, inferiorização, imposto por uma parte dominante num período que deixaram suas marcas e feridas abertas no tempo presente.

O ensino de humanidades, neste aspecto, tem o compromisso de romper todas essas lógicas lineares, marcadas, excludentes e insustentáveis que se materializam por meio de práticas e discursos nas áreas de formação de professores e pesquisas que dissociam a complexidade da existência, através da imposição das monoculturas da mente (SHIVA, 2003), ainda que em solos férteis, que trazem em si saberes ancestrais, sociedades em suas diferentes formas de estar juntos, culturas e organizações sociais.

A prática formadora em sua natureza ética e a radicalidade da esperança (FREIRE, 1996), devem caminhar juntas com o olhar atento da educação enquanto direito social, duramente conquistado, e seu potencial humanizador, reflexivo, capaz de transformar realidades.

Cabe a todas e todos neste aspecto, com rebeldia e dignidade, tornar insurgentes os espaços de produções de conhecimento, potencializando as singularidades nos espaços de formação docente no ensino de humanidades, rompendo com hierarquias, formas binárias ou reduzidas a uma força reativa que tem por objetivo manter relações desiguais e excludentes nas produções de saberes, um lugar no qual as diferenças coexistam de forma colaborativa e potente. Afinal, por meio da memória, de cada história, nós, pequenas constelações de gente, criamos diferentes possibilidades para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019).

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). **O sentido da escola**. DP&A. Rio de Janeiro. 1999.

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, mai/ago, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>>. Acesso em 02 fev. 2021.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost; XAVIER, Maria Luisa Marino de Freitas (orgs.). **Povos indígenas e educação**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense. São Paulo. 2005.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: UBU editora, 2017.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra**. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia/ Arturo Escobar. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014. 184 p. (Colección Pensamiento vivo).

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 63 ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra. 2017.

GENNARI, Emilio. **Chiapas: as comunidades zapatistas reescrevem a história**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade o lado mais escuro da modernidade. **RBCS**, v. 32, n. 94. Jun. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>> . Acesso em 23 jan. 2021.

MIGNOLO, Walter. D. A colonialidade de cabo arabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 33-49.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. Ed. Bertran Brasil, Rio de Janeiro. 2002.

MORIN, Edgar. **A humanidade da humanidade**. Sulina. Porto Alegre, 2005.

MOTA NETO, João Colares. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. In: 38ª Reunião Nacional da ANPED. **Anais...**, São Luís. Democracia em risco: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência. 2017. Disponível em: <[http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT06\\_129.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT06_129.pdf)> . Acesso em 24 fev. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Perspectivas latino-americanas CLACSO, 2005, p. 107-127.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Edições Almedina, S.A. Janeiro 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 12-43.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Africanidades 9, 62, 292, 294

Arte 6, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 21, 22, 36, 62, 66, 67, 73, 76, 77, 80, 82, 83, 84, 85, 88, 90, 94, 110, 116, 128, 136, 156, 157, 166, 170, 175, 180, 210, 213, 252, 273, 274, 279, 287, 288, 289, 290, 291, 293

Arte Barroca 13

Arte Sacra 12, 13, 16, 17, 18, 22

### B

Bens Culturais 86, 123, 155, 156, 159, 162, 165, 166

### C

Catolicismo 12, 13, 14, 18, 22, 47, 54, 207

Cidade 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 88, 98, 101, 105, 115, 117, 118, 119, 120, 125, 127, 128, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 159, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 180, 181, 182, 186, 189, 202, 211, 212, 227, 228, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 253, 254, 255

Coleção 7, 36, 62, 78, 162, 168, 170, 172, 181, 189

Comunidade Quilombola 250, 251, 252, 253, 255, 256

Construção Social 6, 1, 7, 9, 10, 66, 177, 190

Conto 7, 70, 103, 105, 108, 109, 112, 115

Corpo 5, 8, 3, 4, 5, 9, 10, 16, 25, 32, 47, 63, 100, 106, 109, 110, 125, 150, 179, 190, 197, 210, 235, 236, 237, 258, 260, 263, 269, 271, 284, 288, 294

Cotidiano 13, 59, 65, 76, 80, 82, 92, 99, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 157, 166, 196, 198, 199, 255, 261, 264, 267, 287

Cultura 2, 5, 9, 9, 12, 13, 14, 16, 19, 22, 23, 24, 29, 36, 44, 47, 62, 63, 65, 66, 80, 82, 85, 88, 91, 106, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 127, 128, 129, 140, 146, 147, 148, 154, 156, 157, 159, 160, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 179, 193, 200, 201, 206, 208, 210, 212, 213, 214, 224, 225, 235, 236, 238, 240, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 261, 263, 273, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 292, 293, 294, 295

Cultura Brasileira 24, 80, 85

Cultura Popular 208, 212

### D

Democracia 182, 183, 187, 188, 189, 201, 204, 221, 293

Desenvolvimento 5, 6, 7, 8, 9, 24, 29, 50, 54, 65, 70, 84, 117, 121, 122, 123, 127, 131, 138, 139, 140, 142, 147, 149, 151, 152, 155, 157, 159, 160, 161, 165, 167, 171, 174, 183, 184,

185, 186, 188, 224, 226, 227, 228, 230, 237, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 251, 259, 260, 261, 270, 271, 280, 290, 296

## E

Educação 6, 12, 21, 22, 44, 46, 47, 48, 56, 61, 62, 141, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 198, 201, 202, 203, 205, 222, 223, 224, 225, 229, 247, 250, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 279, 290, 292, 293, 294, 295, 296

Ensino 5, 5, 50, 54, 86, 107, 163, 164, 165, 166, 167, 182, 185, 191, 192, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 225, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 269, 270, 292, 293, 294, 295, 296

Espaço 8, 5, 25, 27, 34, 35, 45, 46, 51, 55, 56, 57, 66, 67, 74, 75, 84, 87, 88, 95, 100, 103, 104, 109, 110, 111, 112, 115, 119, 129, 130, 133, 135, 136, 139, 140, 146, 154, 156, 160, 161, 163, 166, 170, 173, 174, 176, 178, 184, 187, 188, 192, 199, 202, 208, 209, 210, 212, 214, 226, 228, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 263, 264, 271, 272, 274, 288, 289, 290, 293, 294, 295

Esquecimento 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 49, 67, 170, 178, 179, 212

Extensão Universitária 9, 261, 271, 272

## F

Formação Docente 8, 9, 191, 192, 196, 197, 201, 203, 258, 260, 261, 264, 265, 269, 270, 271

Formação Social 7, 8, 11

## H

História 6, 2, 4, 5, 6, 11, 20, 21, 22, 24, 25, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 85, 90, 91, 94, 95, 101, 102, 104, 107, 123, 126, 128, 131, 141, 142, 154, 167, 171, 172, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 193, 198, 201, 203, 204, 213, 214, 235, 237, 240, 241, 244, 247, 250, 252, 255, 256, 257, 282, 283, 284, 292, 293, 294, 295, 296

História Oral 6, 39, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 78, 235, 237, 240, 250, 252, 257, 296

Historiografia 47, 62, 68, 76, 105, 167, 182, 183, 187, 214, 251

## I

Iconografia 15, 16, 21

Identidade 5, 7, 17, 52, 62, 69, 78, 106, 116, 142, 147, 156, 157, 159, 180, 185, 201, 202, 204, 208, 210, 223, 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 276

Indígenas 19, 41, 110, 132, 164, 203, 242, 243, 246, 247, 248

Integração 8, 123, 124, 125, 209, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 234, 250, 272, 274, 275, 286, 287, 288, 289, 290

## **L**

Lembranças 2, 3, 4, 8, 10, 39, 40, 48, 63, 64, 67, 70, 94, 98, 172, 175, 178, 180

## **M**

Mediação 1, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 161, 178, 203

Memória 2, 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11, 36, 48, 49, 63, 77, 78, 180, 181, 296

Memória Coletiva 4, 11, 77

Memória Histórica 4

Memória social 3, 4, 10, 11, 76, 241

Mercado de trabalho 8, 216, 217, 218, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Metalinguagem 7, 92, 93

Modernidade 27, 36, 37, 62, 118, 119, 122, 123, 136, 138, 139, 156, 194, 195, 196, 198, 204, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 257

Movimento Decolonial 8, 191, 192, 193, 196, 197, 200, 201

Musealidade 7, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179

Museu 7, 77, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 181, 296

## **N**

Natureza 5, 6, 7, 8, 9, 16, 38, 44, 46, 68, 94, 95, 132, 137, 149, 152, 159, 179, 189, 193, 197, 200, 201, 203, 220, 221, 244, 245, 251, 279, 281, 282, 284, 285

## **O**

Ócio 7, 129, 130, 131, 138, 139, 140, 141, 149

Oralidade 38, 39, 40, 64, 67, 68, 252

## **P**

Paisagem Cultural 8, 235, 236, 237, 238, 239, 240

Pedagogia 9, 10, 12, 62, 133, 141, 157, 180, 189, 190, 192, 194, 196, 198, 204, 205, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 269, 270, 271

Perspectiva Histórico-Cultural 6, 1, 5, 6, 9, 10

Poesia 9, 2, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 293

Preservação 5, 8, 64, 65, 123, 158, 160, 163, 168, 169, 172, 173, 177, 201, 206, 207, 208, 213, 214, 240, 247, 248, 293, 294

## **R**

Refugiados 8, 137, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Representação 13, 16, 17, 20, 27, 54, 100, 170, 173, 174, 175, 178, 293

Resistência 8, 82, 83, 84, 90, 103, 104, 121, 140, 165, 176, 193, 194, 195, 196, 200, 204, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 244, 247, 250, 251, 294

## **S**

Sexualidade 9, 193, 246, 258, 259, 260, 263, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 296

Sincretismo 6, 12, 14, 18, 22, 209

Sociedade 2, 5, 7, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 14, 20, 23, 24, 25, 28, 33, 36, 38, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 62, 65, 76, 86, 88, 98, 107, 108, 112, 114, 122, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 146, 147, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 180, 182, 183, 189, 192, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 203, 208, 209, 213, 214, 216, 217, 222, 223, 224, 226, 228, 229, 230, 242, 243, 245, 246, 247, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 269, 270, 271, 274, 280, 288, 293

## **T**

Território 51, 61, 96, 101, 110, 123, 165, 200, 203, 236, 240, 250, 252, 256

Tradição 7, 8, 17, 18, 64, 67, 68, 142, 207, 213, 238, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 280



[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br) 

[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br) 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

[www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br) 

# Memória, cultura e sociedade

**Atena**  
Editora

Ano 2021



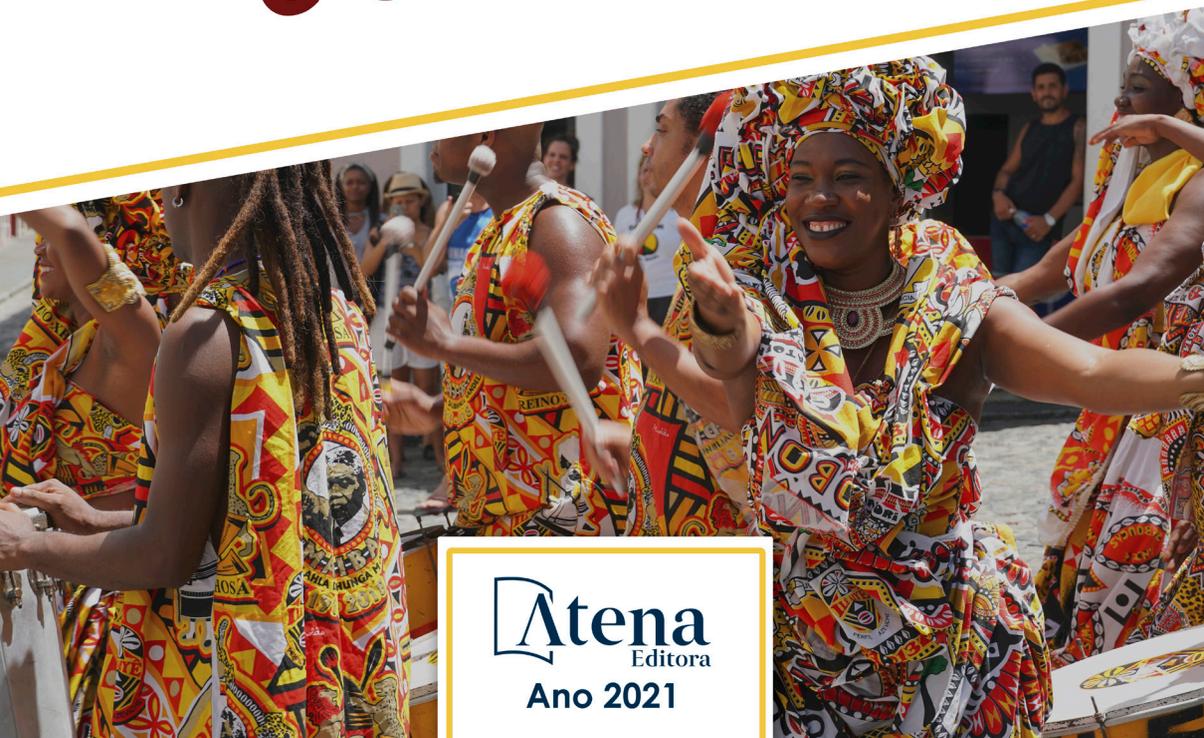
[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br) 

[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br) 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

[www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br) 

# Memória, cultura e sociedade



  
Atena  
Editora  
Ano 2021